

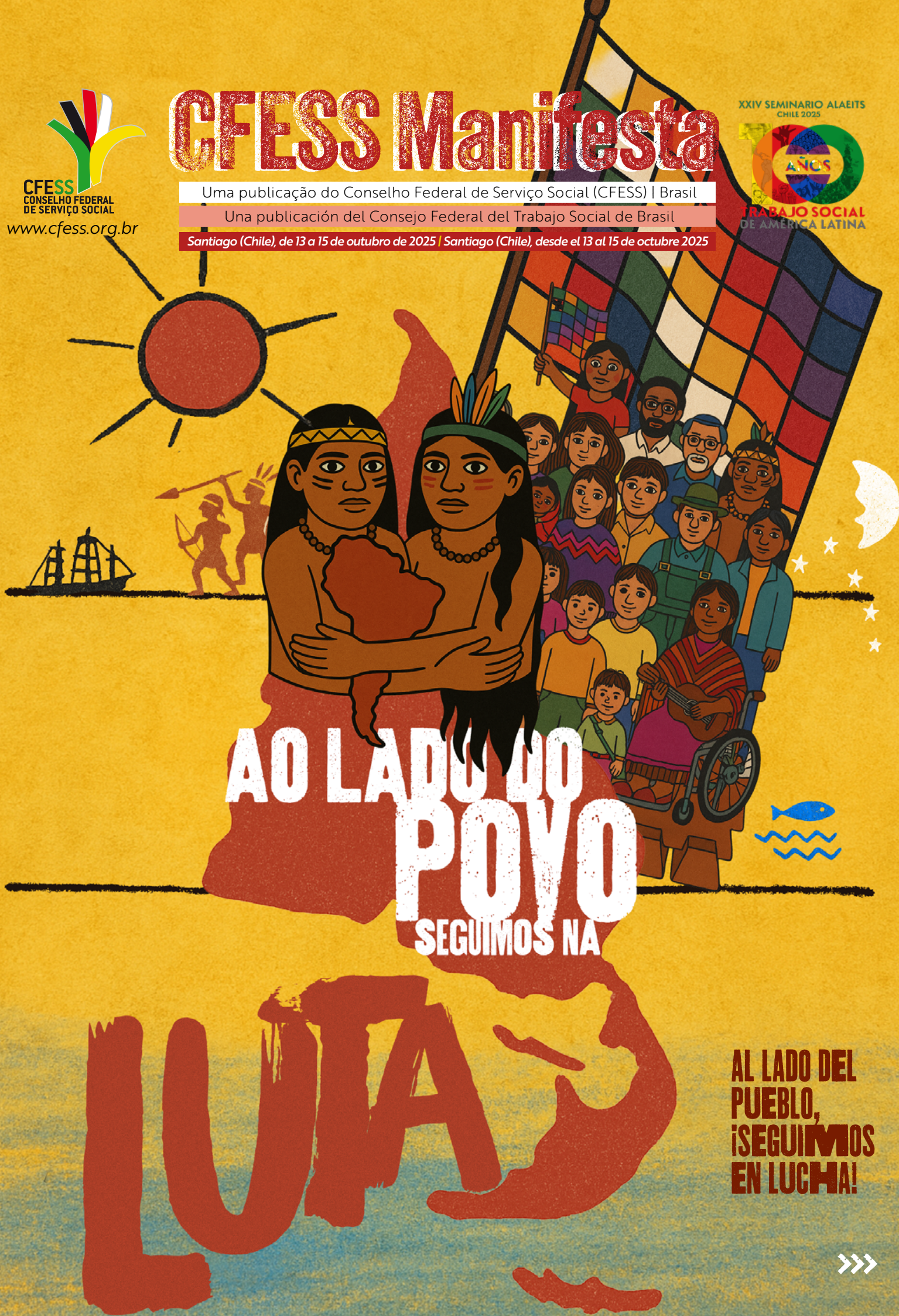
CFESS Manifesta

Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) | Brasil

Una publicación del Consejo Federal del Trabajo Social de Brasil

Santiago (Chile), de 13 a 15 de outubro de 2025 | Santiago (Chile), desde el 13 al 15 de octubre 2025

XXIV SEMINÁRIO ALAÉITS
CHILE 2025



AO LADO DO
POVO
SEGUIMOS NA

LUTA

AL LADO DEL
PUEBLO,
¡SEGUIMOS
EN LUCHA!



CFESS Manifesta | versão em português

Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) | Brasil

»» **E**ram as primeiras décadas do século 20, quando os ventos do norte chegavam ao sul, expandindo o capitalismo em sua fase monopolista. Com eles também chegaram as bases da doutrina social cristã e do positivismo, que iriam orientar as primeiras escolas de Serviço Social na América Latina. Em todo esse continente, mas especialmente no Brasil, esse início de século, da mesma forma, foi marcado por todas as mazelas resultantes dos quase quatro séculos de escravidão negra. A “abolição inacabada” empurrou para os morros, becos e vielas a história marcante da colonização que expropriou os povos e a natureza.

Maias, Incas, Astecas, Guaranis e Tupinambás ocupavam toda essa extensão de território, desde o México, passando pelo Caribe, os países centrais, alcançando os do sul. A divisão dessas terras, banhadas por águas oceânicas de todos

condido no topo, que tem pele de couro e, por isso, aguenta qualquer clima. Apesar de tudo, ainda caminha”.

Caminhadas de resistência e luta desses povos que decerto também inspiraram os diversos movimentos sociais responsáveis por influenciar o Serviço Social em sua história de ruptura com o conservadorismo presente em sua gênese. As lutas anticapitalistas e as revoluções, a exemplo de Cuba em 1959 e, posteriormente, da Nicarágua, iniciada em 1979, além dos Centros Populares de Cultura, da Juventude Universitária Católica e outros movimentos de base, foram fundamentais para o Movimento de Reconceitualização que difundiu por todo o continente, nas décadas de 1960 e 70, resistências à ditadura militar, ao imperialismo norte-americano, ambos alicerçados no modo de produção capitalista, afirmando o seu reconhecimento como classe trabalhadora, o compromisso com

sultando em injustiças ambientais e sociais cada vez mais profundas.

A “crise ambiental” que vivemos tem suas raízes na crise estrutural desse modo de produção que explora e oprime os povos e a natureza, particularmente aqueles racializados subalternamente. A produção de commodities, para atender à lucratividade das corporações, cultiva, em grandes extensões de terras, monoculturas regadas com veneno. Na Argentina, por exemplo, Avia Terai, uma pequena população camponesa de Chaco, está rodeada por imensas plantações de algodão transgênico, regadas a agrotóxicos há mais de dez anos, deixando doenças respiratórias e cancerígenas para as pessoas. São as chamadas zonas de sacrifício produzidas pela “irresponsabilidade organizada de classe”, nos termos de Henri Acselrad.

O neoextrativismo mineral também permanece sendo essa estratégia colonial do capital no tempo presente. Acompanham os minérios, a apropriação dos solos e subsolos, das águas e fontes de energia. Falta água para a população, mas não falta para os megaprojetos do capital. A luta pelo direito à água na Bolívia nos anos 2000, conhecida como a “Guerra da Água”, exemplifica esse cenário. De um lado, os interesses do capital se apropriando e precificando tudo ao seu redor e, de outro, a força do movimento popular mobilizado em torno da própria sobrevivência.

Tem-se ainda a mineração em terras raras, a exemplo dos depósitos de lítio e níquel no Chile e no Brasil, destinados para a produção de equipamentos eletrônicos, deixando terras e populações devastadas. As investidas dos Estados Unidos para a apropriação desses minérios expressam a voracidade do capital, demonstrando que seu único compromisso é com a sua própria expansão.

*Sou uma fábrica de fumo
Mão de obra camponesa para seu consumo
Frente fria no meio do verão
O amor nos tempos de cólera, meu irmão!
Sou o sol que nasce e o dia que morre
Com os melhores entardeceres
Sou o desenvolvimento em carne viva
Um discurso político sem saliva
As mais belas faces que já conheci
Sou a fotografia de um desaparecido
O sangue dentro de tuas veias
(Latinoamérica/Calle 13)*

VOCÊ SABIA?

A primeira escola de Serviço Social foi criada em 1925, no Chile. Durante a década de 1930, surgiram as escolas da Argentina, México, Brasil, Colômbia, Peru, Uruguai e Paraguai, em 1939. Na década seguinte foi a vez de Venezuela, Costa Rica, Cuba, Equador, Bolívia, Panamá e Guatemala receberem o Serviço Social. Nos anos de 1950: El Salvador, Haiti, Honduras e, por fim, na Nicarágua em 1961 e na República Dominicana, em 1966.

os lados, também alcançou os Kuna e Aimara. A invasão colonial, buscando atender à expansão comercial, fundamental para a consolidação da nascente burguesia, saqueou os minérios e as especiarias cultivadas com tecnologias ancestrais daqueles povos. A violência foi regra por todo esse período, assim como a resistência que, aliada às populações negras arrancadas da África, apesar dos massacres, formaram quilombos. Esse continente chamado América Latina, ou melhor, “América Ladina”, como denomina a intelectual negra Léila Gonzalez, teve suas “veias abertas” pela ganância do homem branco. Para nós restou “toda a sobra do que roubaram, um povo es-

seu conjunto e com a construção de uma outra forma de sociabilidade. Esse movimento será responsável por inspirar a criação do Comitê Mercosul de Organizações Profissionais, criado em 1996 e que irá se expandir para além do cone sul em 2013, transformando-se no Comitê Latino-Americano e Caribenhos de Trabalho Social/Serviço Social (Colacats).

Passados esses 100 anos de história, chegamos ao século 21 ainda ocupando a periferia do capital – com uma economia da dependência. As expropriações contemporâneas são vividas a partir da persistente aposta em uma economia primarizada, neocolonial, cujos bens da natureza seguem sendo saqueados, re-

As reconfigurações do capital têm sido acompanhadas pela ascensão ultra-conservadora de governos de extrema direita em diversos países da América Latina, a exemplo do Bolsonaro no Brasil e mais recente de Milei na Argentina, Peña no Paraguai, Boluarte em Peru, Bukele em El Salvador e Noboa no Equador.

As práticas antidemocráticas, alinhadas ao discurso de ódio, à perseguição contra as pessoas que defendem os direitos humanos, os assassinatos das pessoas trans, lésbicas, gays (LGBTQIAPN+), a naturalização do machismo e do sexismo materializados no feminicídio e todo tipo de violência contra as mulheres e o racismo religioso são trágicas memórias desse nosso tempo.

A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos reforçou tudo isso e ainda a repressão e combate à migração com processos de criminalização, particularmente às pessoas latino-americanas e africanas. Novas barreiras na fronteira com o México, deportações em massa e ações que renovam a relação colonialista com Porto Rico são outras expressões.

Importante ainda evidenciar a aliança dos Estados Unidos com Israel, garantin-

do o apoio político, militar e o financiamento do genocídio do povo palestino. Já são mais de 65 mil mortos, mais de 165 mil feridos, sendo em sua maioria crianças e mulheres, o que lhes torna o principal cúmplice dessa limpeza étnica.

Esse quadro atravessa o cotidiano das assistentes sociais espalhadas por “Nuestra América” e nos convoca a denunciar as violações dos direitos humanos e as ameaças à democracia arduamente conquistada. O legado que construímos por tantas gerações nos afirma na resistência ao conservadorismo que repulsa práticas autoritárias e fascistas.

Chegamos nesse centenário em que os retrocessos, as contrarreformas e a retirada de direitos nos convocam a novas batalhas que devem ser realizadas em aliança com outros sujeitos históricos organizado e em marcha por justiça. Nesse território ainda existem terras, águas e florestas onde podemos cultivar os princípios e a defesa da radicalidade democrática, articulando as coletividades do Serviço Social latino-americano e o Projeto Ético Político da profissão no Brasil, nossa fonte de inspiração.

A nossa trajetória ético-política em defesa da liberdade reafirma o compromisso do Serviço Social brasileiro com a luta pelos direitos humanos, a radicalidade democrática e a emancipação dos povos. Seguimos sendo referência no enfrentamento dos desafios que assolam a categoria e o conjunto da classe trabalhadora, na denúncia das violações, na resistência ao conservadorismo e na construção coletiva de alternativas voltadas à emancipação humana. Esse legado não é apenas memória: é prática viva que se reinventa a cada geração, sustentada por nossas bandeiras que pulsam liberdade.

É por isso que, ao completarmos 100 anos, afirmamos: “Vamos caminhando, aqui se respira luta!”

*Porque vocês não sabem do lixo ocidental
Não precisam mais temer
Não precisam da solidão
Todo dia é dia de viver
Porque você não verá meu lado ocidental
Eu sou da América do Sul
Eu sei, vocês não vão saber
(Para Lennon e McCartney,
de Milton Nascimento)*

CFESS Manifesta | versión en español

Una publicación del Consejo Federal del Trabajo Social de Brasil

AL LADO DEL PUEBLO, ¡SEGUIMOS EN LUCHA!

Eran las primeras décadas del siglo XX, cuando los vientos del norte llegaban al sur, expandiendo el capitalismo en su fase monopolista. Con ellos también llegaron las bases de la doctrina social cristiana y del positivismo que orientarían las primeras escuelas de Trabajo Social en América Latina. En todo este continente, pero especialmente en Brasil, ese inicio de siglo estuvo marcado, de la misma forma, por todas las miserias resultantes de casi cuatro siglos de esclavización negra. La “abolición inconclusa” empujó hacia los cerros, callejones y callejuelas la historia marcada por la colonización que expropió a los pueblos y a la naturaleza.

Mayas, Incas, Aztecas, Guaraníes y Tupinambás ocupaban toda esta extensión de territorio, desde México, pasando por el Caribe, los países centrales, hasta los del sur. La división de estas tierras, bañadas por aguas oceánicas de todos los lados, también alcanzó a los Kuna y Aymara. La invasión colonial, buscando

atender la expansión comercial, fundamental para la consolidación de la naciente burguesía, saqueó los minerales y las especias cultivadas con tecnologías ancestrales de aquellos pueblos. La violencia fue regla durante todo ese período, así como la resistencia que, aliada a las poblaciones negras arrancadas de África, a pesar de las masacres, formaron quilombos. Este continente llamado América Latina, o mejor, “América Latina”, como lo denomina la intelectual negra Léila Gonzalez, tuvo sus “venas abiertas” por la codicia del hombre blanco. Para nosotros quedó “todo el resto de lo que robaron, un pueblo escondido en lo alto, que tiene piel de cuero y por eso aguanta cualquier clima. A pesar de todo, todavía camina”.

Las caminatas de resistencia y lucha de estos pueblos ciertamente también inspiraron a los diversos movimientos sociales responsables de influenciar el Trabajo Social en su historia de ruptura

con el conservadurismo presente en su génesis. Las luchas anticapitalistas y las revoluciones, como la de Cuba en 1959 y, posteriormente, la de Nicaragua, iniciada en 1979, además de los Centros Populares de Cultura, la Juventud Universitaria Católica y otros movimientos de base, fueron fundamentales para el Movimiento de Re-conceptualización que difundió por todo el continente, en las décadas de 1960 y 70, resistencias a la dictadura militar, al imperialismo norteamericano, ambos cimentados en el modo de producción capitalista, afirmando su reconocimiento como clase trabajadora, el compromiso con su conjunto y con la construcción de otra forma de sociabilidad. Ese movimiento fue responsable de inspirar la creación del Comité Mercosur de Organizaciones Profesionales, creado en 1996 y que se expandiría más allá del Cono Sur en 2013, transformándose en el Comité Latinoamericano y Caribeño de Trabajo Social (Colacats).

»» Pasados esos 100 años de historia, llegamos al siglo XXI aún ocupando la periferia del capital – con una economía de dependencia. Las expropiaciones contemporáneas se viven a partir de la persistente apuesta por una economía primarizada, neocolonial, cuyos bienes de la naturaleza siguen siendo saqueados, resultando en injusticias ambientales y sociales cada vez más profundas.

La “crisis ambiental” que vivimos tiene sus raíces en la crisis estructural de este modo de producción que explota y oprime a los pueblos y a la naturaleza, particularmente a aquellos racializados en condición subalterna. La producción de commodities, para atender la rentabilidad de las corporaciones, cultiva, en grandes extensiones de tierras, monocultivos regados con veneno. En Argentina, por ejemplo, Avia Terai, una pequeña población campesina de Chaco, está rodeada por inmensas plantaciones de algodón transgénico, regadas con agrotóxicos desde hace más de diez años, dejando enfermedades respiratorias y cancerígenas

fuentes de energía. Falta agua para la población, pero no falta para los megaproyectos del capital. La lucha por el derecho al agua en Bolivia en los años 2000, conocida como la “Guerra del Agua”, ejemplifica este escenario. De un lado, los intereses del capital apropiándose y poniendo precio a todo a su alrededor y, del otro, la fuerza del movimiento popular movilizándose en torno a la propia supervivencia.

Todavía existe la minería en tierras raras, como los depósitos de litio y níquel en Chile y en Brasil, destinados a la producción de equipos electrónicos, dejando tierras y poblaciones devastadas. Las inversiones de Estados Unidos para apropiarse de esos minerales expresan la voracidad del capital, demostrando que su único compromiso es con su propia expansión.

Las reconfiguraciones del capital han sido acompañadas por la ascensión ultraconservadora de gobiernos de extrema derecha en diversos países de América Latina, como Bolsonaro en Brasil y, más recientemente, Milei en Argentina, Peña en Paraguay, Boluarte en Perú, Bukele en El Salvador y Noboa en Ecuador.

Las prácticas antidemocráticas, alineadas con el discurso de odio, la persecución contra las personas que defienden los derechos humanos, los asesinatos de personas trans, lesbianas, gays (LGBTQIAPN+), la naturalización del machismo y del sexismo materializados en el feminicidio y todo tipo de violencia contra las mujeres y el racismo religioso son trágicas memorias de nuestro tiempo.

La elección de Donald Trump en Estados Unidos reforzó todo esto y todavía la represión y combate a la migración con procesos de criminalización, particularmente hacia personas latinoamericanas y africanas. Nuevas barreras en la frontera con México, deportaciones en masa y acciones que renuevan la relación colonialista con Puerto Rico son otras expresiones.

Es importante también evidenciar la alianza de Estados Unidos con Israel, garantizando el apoyo político, militar y el financiamiento del genocidio del pueblo palestino. Ya son más de 65 mil muertos, más de 165 mil heridos, siendo en su mayoría niños y mujeres, lo que los convierte en el principal cómplice de esa limpieza étnica.

Este cuadro atraviesa el cotidiano de las y los profesionales de Trabajo Social esparcidos por “Nuestra América” y nos convoca a denunciar las violaciones de los derechos humanos y las amenazas a la democracia arduamente conquistada. El legado que construimos durante tantas generaciones nos afirma en la resistencia al conservadurismo que repudia prácticas autoritarias y fascistas.

Llegamos a este centenario en que los retrocesos, las contrarreformas y el retiro de derechos nos convocan a nuevas batallas que deben ser realizadas en alianza con otros sujetos históricos organizados y en marcha por justicia. En este territorio aún existen tierras, aguas y bosques donde podemos cultivar los principios y la defensa de la radicalidad democrática, articulando las colectividades del Trabajo Social latinoamericano y el Proyecto Ético-Político de la profesión en Brasil, nuestra fuente de inspiración.

Nuestra trayectoria ético-política en defensa de la libertad reafirma el compromiso del Trabajo Social brasileño con la lucha por los derechos humanos, la radicalidad democrática y la emancipación de los pueblos. Seguimos siendo referencia en el enfrentamiento de los desafíos que asolan a la categoría y al conjunto de la clase trabajadora, en la denuncia de las violaciones, en la resistencia al conservadurismo y en la construcción colectiva de alternativas orientadas a la emancipación humana. Ese legado no es solo memoria: es práctica viva que se reinventa en cada generación, sostenida por nuestras banderas que laten libertad.

Por eso, al completar 100 años, afirmamos: “¡Vamos caminando, aquí se respira lucha!”

¿SABÍAS?

La primera escuela de Trabajo Social fue creada en 1925, en Chile. Durante la década de 1930 surgieron las escuelas de Argentina, México, Brasil, Colombia, Perú, Uruguay y Paraguay, en 1939. En la década siguiente fue el turno de Venezuela, Costa Rica, Cuba, Ecuador, Bolivia, Panamá y Guatemala. En los años 1950: El Salvador, Haití, Honduras y finalmente en Nicaragua, en 1961, y en la República Dominicana, en 1966.

para la gente. Son las llamadas zonas de sacrificio producidas por la “irresponsabilidad organizada de clase”, en los términos de Henri Acsehrad.

El neoextractivismo mineral también permanece siendo esa estrategia colonial del capital en el tiempo presente. Junto a los minerales, la apropiación de los suelos y subsuelos, de las aguas y



Gestão 2023-2026

Que nossas vozes ecoem vida-liberdade

*Gestión 2023-2026
Que Nuestras Voces Resuenen Vida-Libertad*

NOSSA DIRETORIA (NUESTRA DIRECTORIA) >>> Presidenta Kelly Rodrigues Melatti (SP) | **Vice-presidenta** Marciângela Gonçalves (AL) | **1ª Secretária** Emilly Marques (ES) | **2ª Secretária** Alana Barbosa Rodrigues (TO) | **1º Tesoureiro** Aginaldo Engel Knevez (RS) | **2º Tesoureiro** Larissa Gentil Lima (MT) | **Conselho Fiscal** Jussara de Lima Ferreira (RJ), Angelita Rangel Ferreira (MG), Elaine Amazonas Alves dos Santos (BA) | **Suplentes** Ubiratan de Souza Dias Junior (SP), Mirla Cisne Álvaro (RN), Karen Albini (PR), Tales Willyan Fornazier Moreira (MG), Adriana Soares Dutra (RJ), Iara Vanessa Fraga de Santana (CE), Raquel Ferreira Crespo de Alvarenga (PB)

CFESS MANIFESTA >>> Texto: Iara Fraga (aprovado pela diretoria) | **Organização:** Comissão de Relações Internacionais e Comissão de Comunicação | **Revisão:** Diogo Adjuto | **Arte:** Rafael Werkema (inspirado em América Invertida, de Torres-Garcia, e obras de Vicente Larrea) >>> **Texto:** Iara Fraga (aprobado por el consejo) | **Organización:** Comité de Relaciones Internacionales y Comité de Comunicaciones | **Revisión:** Diogo Adjuto | **Arte:** Rafael Werkema (inspirado em América Invertida de Torres-García y obras de Vicente Larrea)



Código De Ética do/a Assistente Social Lei 8.662/1993 de Regulamentação Profissional (Código de Ética del/la Trabajador/a Social y Ley 8.662/1993 de Reglamentación Profesional)

Acesse a versão trilingue do documento
Acceda a la versión trilingüe del documento